



casadesarmiento

centro de estudos do património

Os Lusitanos

— Questões de Etnologia

Francisco Martins Sarmiento

Ed. do Autor. — Typ. Silva Teixeira, Porto, 1880

Como numa grande parte da Europa, a arqueologia na Lusitânia encontra diante de si a abstrusa questão do celtismo; mas aqui a questão simplifica-se e acentua-se dum modo especial.

Tudo o que sabemos dos celtas e da invasão céltica na Espanha nos mostra esta parte da Península completamente estranha à ocupação e influência célticas; tudo quanto os escritores antigos nos contam dos usos e costumes dos lusitanos nada tem que ver com os usos e costumes dos celtas, mas ao contrário, com os doutros povos muito diferentes deles; Diodoro não só nos diz expressamente que os lusitanos são iberos, isto é, não celtas, mas que a sua índole e carácter era inteiramente o oposto da dos celtiberos¹, quer dizer, os lusitanos nem sequer têm mescla de sangue céltico; e, não obstante, os seus nomes étnicos e locais, os nomes de indivíduos², de deuses, que os historiadores, geógrafos e monumentos epigráficos nos conservaram, têm na sua maioria uma fisionomia céltica tão pronunciada, que uma parte da Lusitânia antiga, a Gallæcia³, foi já alcunhada de berço dos celtas.

¹ Diod. Sic., V, 34.

² O mesmo nome de Viriato passa por céltico, *Revue Celtique*, vol. III, pág. 311

³ A Lusitânia antiga de Estrabão estendia-se desde o Tejo até o mar Cantábrico, compreendendo as duas Gallæcias, bracária e lucense. É neste sentido que tomamos a Lusitânia. Vid. infra.

Vamos estudar os termos desta contradição, se não na esperança de a resolver a contento dos leitores, pelo menos na convicção de que chamaremos para este problema a atenção dos estudiosos.

*

O mais antigo documento, que nos dá notícia de celtas, é um roteiro fenício do século VI⁴, utilizado por Avieno na sua *Ora maritima*, e a que nos socorreremos muitas vezes no decurso deste trabalho.

Neste roteiro, que compreende a viagem entre a ilha de Tartesso, na foz do Bætis, e as ilhas britânicas, são mencionados os povos que ocupavam então o sudoeste e poente da Espanha, a Inglaterra e a Irlanda.

No sul da Inglaterra conhece o nosso documento uns lígures, que haviam primitivamente habitado nas regiões geladas da Ursa, sendo daí expulsos pelos celtas, depois de tentarem debalde resistir aos invasores.

A invasão céltica tinha sido feita por mar, pois que, já refugiados na Inglaterra, os lígures viveram muito tempo embrenhados pelos montes, sem ousar chegar-se à praia, “porque o seu antigo desastre os fazia olhar o mar com susto”. Receavam portanto uma nova invasão marítima, que desta vez só lhes podia vir da Morínia.

A antiga pátria dos lígures, nas regiões geladas da Ursa, e numa posição sujeita a uma agressão por mar, não pode ser colocada senão nas margens do Báltico, em frente da Escandinávia, sendo da Escandinávia — a vagina nationum, de Jornandes — que, segundo este velho documento descem os emigrantes célticos, que fazem a sua aparição no mundo conhecido dos antigos.

A verdade desta notícia recebe uma confirmação indirecta, se

⁴ Antes da nossa era. O mesmo se há-de entender de todas as datas que mencionamos neste escrito.

nos lembramos das antigas lendas gregas acerca dos lígures do país do âmbar, nas imediações do Eridano, os célebres lígures, governados por Cycnus, o amigo de Phaethonte, e que desaparecem completamente destas regiões, sem se saber porquê.

“O roteiro fenício dá-nos a explicação deste facto. Expulsos do noroeste da Europa pela invasão céltica, os lígures fogem na direcção da Morínia, e, atravessando o canal, refugiam-se no sul da Inglaterra, perto dos Albiões, seus irmãos.

É sem dúvida temendo que os seus perseguidores lhes sigam as pisadas, e os avistem na sua nova pátria, que eles nem se atrevem a mostrar-se à beira-mar, o que só fazem muito depois, e quando, graças ao tempo e ao sossego em que vêem o país fronteiro, as suas apreensões e terrores se desvanecem.

Resulta daqui que os celtas desprezaram o ocidente da Gália e as ilhas britânicas, como desprezaram a velha Ligúria do Báltico, pois que ela ficou “erma de habitantes”⁵.

Veremos logo a direcção que provavelmente tomaram.

Entre a expulsão dos lígures e a composição do roteiro medeia um espaço de anos indeterminado, que compreende a duração dos combates entre os lígures e os celtas, e todo o tempo — diu — que os asilados da ilha dos Albiões aguardaram a repetição dos seus primeiros desastres, o que se não deu, felizmente para eles.

Sendo o roteiro escrito no século VI, opinião do sr. Karl Müllenhoff⁶, a primeira aparição dos celtas no teatro da história pode ser colocada no século VII, sem grande perigo de errar.

Consultemos agora as notícias, que acerca dos celtas tinham recolhido os escritores latinos e gregos. Segundo Lívio, a emigração céltica dá-se no tempo de Tarquínio Antigo, século VII⁷. Quanto ao ponto de partida desta emigração, se o historiador parece ter em vista numa parte a Céltica de César, o que é de todo o ponto insustentável,

⁵ Vid. Avienus, *Ora maritima*, principalmente V, 130-46. A interpretação, que damos a esta e outras passagens do poema de Avieno, faz o objecto de um outro estudo, que é importuno sumariar aqui.

⁶ Na sua obra, *Deutsche Altertumskunde*, pág. 73 e seguintes.

⁷ T. Liv., V, 34.

noutra parte, em que se pressente o eco da tradição, os celtas vinham “ab oceano terrarumque ultimis oris”⁸. Plutarco também nada sabe ao certo da pátria primitiva dos celtas, mas todos os testemunhos que ele pôde coligir sobre a Céltica, donde, se bem o entendemos, faz sair os celtas e os cimbrós, apontam o mar hiperbóreo, as extremidades da terra, as regiões onde os dias são de seis meses⁹. Era também a opinião de Helânico do Ponto, que fazia descer os celtas do país dos hiperbóreos¹⁰. As tradições druídicas eram um pouco mais positivas: parte da população da Gália viera “ab insulis extremis et tractibus transrhenanis”¹¹.

Como se vê, todas estas informações, apesar da sua hesitação, estão de acordo com o autor do século VI, que deve consolidá-las, fazendo fé na matéria, como uma testemunha quase contemporânea dos factos, e que sem dúvida os ouviu da boca dos próprios lígures, vítimas dos celtas, com quem convivia.

Admitindo isto, da combinação das notícias do roteiro e das de Lívio ressalta sobre este problema histórico uma luz suficiente. Irrrompendo das regiões de além do Báltico por motivos ignorados, as hordas célticas, depois de destroçar e afugentar os lígures do norte, que primeiro se oferecem na sua marcha, seguem o caminho do Reno e parece fazerem alta no coração da Gália. Aí esta massa enorme de emigrantes separa-se. Se uma parte fica pela Céltica, ou por parte da Céltica de César, uma turba numerosa, sob o comando de Sigoveso, segue para o nascente, na direcção do bosque hercínio, enquanto que outros bandos descem para o sul, ao longo do Ródano, conduzidos por Beloveso e outros caudilhos¹².

Não pode desconhecer-se que a invasão céltica tem o carácter

⁸ Id., V, 37. Quanto às dúvidas que têm suscitado as afirmativas de Lívio, relativamente aos celtas, vid. Alex. Bertrand, *Archéologie celtique et gauloise*, pág. 421-33.

⁹ Plutarco, *Mar.*, XI.

¹⁰ Idem, *Camil.*, XXVII.

¹¹ Am. Marcel., XV, 9. “er nestas ilhas as britânicas, como alguns têm pretendido, é insustentável.

¹² T. Liv., V, 34.

duma verdadeira irrupção de bárbaros, estranhos à Europa dos antigos, e tal como seria a dos cimbro, se viesse séculos antes e não encontrasse diante de si a ciência militar e a organização política dos romanos. Mal esta gente aparece, vemo-la aniquilar a Ligúria do Báltico, fazer uma espantosa carnagem nos povos por onde passa¹³.

Alguns dos bandos, que tomam para nascente, atravessam mais tarde a Panónia, devastam a Macedónia e a Grécia, passam para a Ásia Menor, onde por muito tempo são o terror destas regiões¹⁴. Dos que descem o Ródano uns assenhoreiam-se de parte da Itália, onde dão o último golpe à civilização etrusca¹⁵ e reduzem os romanos à última extremidade; outros estendem-se pelo sul da Gália e penetram na Espanha, onde metade da península se levanta contra os invasores, tendo por fim de transigir com eles¹⁶.

Um povo que se anuncia deste modo, dificilmente poderia viver dois séculos na Europa dos escritores antigos, sem dar rumor de si. Dir-se-ia que os celtas nada mais são que a vanguarda dessa infinidade de povos bárbaros, que o norte tinha de vomitar contra o sul, até aniquilar as civilizações mediterrâneas.

Sigamo-los na sua invasão da Espanha. As primeiras hordas que assomam no sul da Europa vêm encontrar, segundo Lívio, os focenses em luta com os lígures, Sális, no território dos quais os gregos tentavam estabelecer-se. Vendo que estes estrangeiros procuravam, como eles, terras em que viver, os celtas tomam o caso como agouro e auxiliam a causa dos fundadores de Marselha.

Feito isto, desandam para a Etrúria. Outras turmas, trazendo o mesmo caminho vão ainda fixar-se na Etrúria¹⁷. São sem dúvida novos bandos, seguindo sempre o caminho do Ródano, que torcem para poente, estendendo-se pelo litoral do sul da Gália, e que entram por fim na Espanha.

Não pode pois dizer-se da invasão céltica na Espanha que é

¹³ Justin., XXIV, 4 e seguintes.

¹⁴ Id., XXV, 2 e seguintes.

¹⁵ D Arbois de Jubainville, *Les premiers habitants de l'Europe*, pág. 106.

¹⁶ Diod. Sic., V, 33.

¹⁷ T. Liv., V, 34, 35.

dessas que se esconde na noite dos tempos; é posterior à fundação de Marselha e passa-se, a bem dizer, à vista dos marselheses e à vista dos cartagineses que comerciavam com a península.

Que ela é posterior ao roteiro do século VI, de que já falámos, ou que pelo menos no tempo da redacção deste documento os celtas ainda não tinham chegado ao poente da Espanha, é inegável, pois que o roteiro não conhece aí nenhuns povos célticos. Conhece-os já Heródoto, a par dos cynetes, no ano de 445-43¹⁸, de sorte que pode assentar-se como certo que a invasão céltica na Espanha se efectuou entre o século V e VI¹⁹.

Diodoro conta-nos esta invasão em poucas palavras, e provavelmente não merecia "ela muitas mais. Os celtas encontraram nos iberos do nascente uma resistência formidável; mas, depois de aturados combates, os beligerantes fraternizam, formando uma nação mista, os celtiberos²⁰. O teatro desta luta e desta fusão ficou circunscrito a uma região geográfica, que conservou até tarde o nome de Celtibéria. Os invasores estabeleceram-se portanto em habitações *fixas*, e criaram nesta parte da Espanha uma verdadeira pátria, que mais adiante tiveram de defender contra os romanos, como os demais povos ibéricos.

Que eles tivessem um plano de conquista, no sentido elevado desta palavra, é o que não consta de parte alguma. Na Espanha, pelo menos, dir-se-ia que estes estrangeiros se deram por muito felizes em viver nas cidades ibéricas do nascente, que os receberam, sem se importar muito com o preconceito de fazer valer a sua individualidade própria, não revelando por acto algum a menor unidade política²¹.

Entre a Celtibéria e a Lusitânia encontramos as poderosas

¹⁸ Acerca desta data, *vid.* Jubainville, *ob. cit.*, pág. 282.

¹⁹ O sr. Jubainville, de cuja opinião nos temos afastado em muitos pontos, coloca a invasão céltica na Espanha nos princípios do século V, *ob. cit.*, págs. 38, 279. *Comp. Müllenhoff, ob. cit.*, págs. 108 e seguintes.

²⁰ *Diod. Sic.; log. cit.*

²¹ Com efeito, no tempo da conquista romana, as populações da Cetibéria aparecem-nos tão desunidas como os demais povos da Espanha.

tribos dos oretanos²², carpetanos, vetões, etc. Os lusitanos ficaram portanto completamente estranhos à invasão céltica. É muito natural que eles nem se ocupassem com o que se passava para o Ebro, estando, como estavam, protegidos pelos seus vizinhos orientais, que os celtas tinham de submeter, antes de chegar ao seu território.

É certo que uma turma de celtas ultrapassa os limites da Celtibéria e se estendeu para o poente, seguindo por entre o Tejo e o Ana, e vindo habitar perto das margens deste último rio, ao sul da Lusitânia. É deles que fala Heródoto. Estes porém, como os seus irmãos do nascente, adoptam aí estabelecimentos fixos, pois que Plínio os conhece nos mesmos lugares, onde os conheceu Heródoto²³.

Apenas alguns bandos destes celtici do Ana, já mancomunados com os túrdulos, não celtas, fazem uma excursão para o norte. Chegando ao rio Lima, as duas hostes desavêm-se e destroçam-se mutuamente, indo as relíquias célticas domiciliar-se pelas imediações do promontório Nério²⁴.

Aqui estão os únicos celtas, de que a história nos dá conta na Lusitânia, e que, como facilmente se imagina, deviam ser em breve absorvidos pela população pré-existente.

Como explicar agora a toponímia céltica neste largo tracto de terra desde o Tejo até ao mar cantábrico?

Admitir a filtração insensível de tribos célticas, que escapassem à atenção dos observadores, seria a única hipótese possível, mas uma hipótese que tinha de basear-se em dois factos, qual deles o mais extraordinário: — numa verdadeira monomania destes ocupantes, a monomania de reformar os nomes de rios, montes e cidades, coisa que mesmo um verdadeiro conquistador nunca faz, senão muito excepcionalmente, e na insólita condescendência dos indígenas em trocar a sua língua pela dos estrangeiros, e, pior, em dar de mão as denominações topográficas tradicionais, sempre duma

²² “Oretani qui et Germani cognominantur” — diz Ptin., III, 4. Se a palavra “germani” tem nas línguas célticas a significação de “vizinhos”, como alguns querem, o cognome dos oretanos seria expressivo.

²³ Plínio, H. N., III, 3.

²⁴ Estrab., III, III, 5.

tenacidade prodigiosa, adoptando as inovações da gente recém-chegada.

Se o facto é já para estranhar, mesmo na Celtibéria, e muito pouco crível nas partes da Espanha fora da acção dos celtas, onde encontramos nomes célticos, mas de cujos habitantes pouco ou nada sabemos, na Lusitânia, cujas populações pré-célticas têm uma individualidade muito característica, usos, costumes, religião própria, que merecem uma página aparte na obra de Estrabão, que ainda no tempo da conquista romana dão mostras duma vitalidade poderosa, como se vê na sua luta da independência, a estranheza do facto toca as raías do impossível.

Um povo nestas condições não abandona a sua língua, nem os nomes, a que o habituou uma longa tradição.

*

Nestas alturas, vem a propósito indagar mais de perto os fundamentos, em que se escora a opinião, que dá como céltica a toponímia da Lusitânia, e não vem fora de propósito lembrar o que sucedeu com a celticidade dos dólmenes. Sabe-se que por muito tempo estes monumentos foram alcunhados de célticos, “porque” se encontravam em países, onde os celtas tinham habitado. Porém desde que o campo das investigações se alargou, e que começaram a aparecer dólmenes em regiões, onde os celtas nunca haviam posto o pé, e às avessas a serem procurados debalde em sítios, que eles tinham dominado, a celticidade dos dólmenes ficou sendo a opinião singular dum ou doutro pirrónico²⁵.

Com os celtas da Lusitânia dá-se o caso inverso. A ocupação céltica não pode provar-se directamente; mas infere-se da sua toponímia, e esta toponímia é céltica, porque é impossível deixar de descobrir nela o íntimo parentesco com as línguas chamadas neo-célticas, faladas ainda hoje na Armórica e em algumas partes das ilhas britânicas, e que na opinião dos linguistas são o velho idioma céltico

²⁵ Vid. a obra já citada do sr. Al. Bertrand, págs. 81 e seguintes.

transformado pelo tempo.

Mas a celticidade das línguas britânicas e ibéricas assenta em muito melhores bases, que a celticidade dos dólmenes Eis a questão. Se se não desse por provado que os celtas haviam habitado na Bretanha, na Inglaterra e na Irlanda; ninguém certamente se lembraria de chamar célticas às velhas línguas, que aí se mantiveram até hoje; e desta vez não pode pôr-se em dúvida que nestes países tenham penetrado povos de origem céltica. Mas, sendo quase certo que esta ocupação só data do século V²⁶, há razões para admirar que estes invasores, que deixam subsistir os usos e costumes dos povos pré-celtas, como o atestam os seus numerosos monumentos, só mostrem o seu encarniçamento contra os nomes étnicos e locais que encontraram, substituindo-os por outros, muitos dos quais são exactamente idênticos aos da Lusitânia, onde, em vista do que sabemos da história, eles não dominaram.

E, sem mais rodeios, que sabem os linguistas da língua falada pelos povos pré-celtas do Ocidente, para estabelecerem com certeza que o erso, o gaelico, o câmbrico, o bretão, são línguas célticas, e não outra coisa?

O que se sabe somente é que alguns nomes, que os escritores antigos nos dão por célticos, têm uma analogia inegável com as línguas sobreviventes na Bretanha e nas ilhas britânicas; mas isto não basta para decidir uma questão de tal magnitude. Mesmo admitindo que nos tempos em que tais nomes foram transmitidos — tempos em que os celtas já estavam intimamente misturados com os povos pré-celtas — os antigos escritores soubessem extremar os nomes puramente celtas dos que o não eram, se conseguir demonstrar-se que estes povos pré-celtas eram de origem indo-europeia, não podendo portanto deixar de falar uma das línguas do grupo greco-italo-céltico de Schleicher, semelhante analogia, a que por fim se reduz toda a argumentação, não chega a formar uma sombra de argumento; antes é evidente que a linguística nos seus domínios exclusivos está impossibilitada de apurar a questão de nome, tendo de socorrer-se

²⁶ Vid. Belouget, *Ethnogenie Gauloise — Le génie gaulois*, pág. 239.

para isso as investigações históricas, às descobertas da arqueologia, da antropologia, a todos os subsídios enfim que possam dar-lhe a chave dum enigma, que ela por si só não conseguirá achar nunca.

*

Para o problema que especialmente nos interessa, importa pois, como se vê, procurar os vestígios dos povos pré-celtas, que ocuparam o Ocidente, no intuito de colher algum indício sobre a língua que eles deviam falar.

Partamos da Lusitânia. Estrabão, que nos dá os lusitanos, galegos, astures, cantabros, como tendo os mesmos usos e costumes²⁷, nenhuma analogia descobre entre tais usos e os dos celtas. Todas as analogias são entre lígures e gregos. Assim falando dos costumes das mulheres desta parte da Espanha, o geógrafo passa sem transição para os costumes das mulheres ligúricas do Mediterrâneo, sendo preciso ler duas vezes os seus textos, para liquidar se é das primeiras, se das segundas que ele trata²⁸. Mas as analogias mais frisantes, e que ele mesmo acentua, implicam com os gregos. Os casamentos fazem-se *more græco*; as hecatombes *ritu græco*; há usos espartanos entre alguns lusitanos de ao pé do Douro²⁹, e o geógrafo não põe a menor dúvida em que viessem parar a estas regiões várias colónias gregas, como aliás lho insinuam os nomes de Helienes, Amphílochi e outros. Justino pretende mesmo que, segundo a tradição dos galegos, o parentesco entre este povo e os gregos era coisa corrente³⁰. Plínio afirma do mesmo modo que os helenos e grau

²⁷ Estrab., III, III, 6, 7.

²⁸ Id., III, IV, 17. Vários escritores, entre eles Belloguet, ob. cit., pág. 46, têm notado que os traços, com que os antigos nos pintam os lígures do Mediterrâneo, são os mesmos com que nos pintam alguns povos ibéricos. Isto dá-se principalmente com os lusitanos. Mesmo modernamente tem sido objecto de surpresa a estreita analogia entre o genovês e a língua portuguesa e galega. Diefenbach, *Celtica*, II, pág. 39.

²⁹ Estrab., III, III, 6, 7.

³⁰ Just., XLIV 3.

eram de origem grega³¹.

Não seria difícil reunir mais citações.

O itinerário que os antigos fazem seguir a estas colónias, que os caudilhos da guerra de Tróia conduziram aqui pelo Mediterrâneo, é insustentável; mas o que nos parece hoje digno duma séria atenção é que o nome de Hellenes e de Graeci, que estes observadores encontram neste cabo do mundo, a par de gregos barbarizados, pertence aos tempos arcaicos da Grécia³², e não é menos digno de reparo que estas tradições acerca dos gregos e de costumes dos gregos se encontram numa certa direcção com uma persistência singular. Na ilha Ogygia, que, a ser alguma coisa, é a Irlanda, lá temos gregos barbarizados³³. Numa ilha contra a Céltica, sem dúvida alguma a Inglaterra, achamos gregos que tinham vindo viver para aqui com os hiperbóreos, os quais pela sua parte sentiam uma grande predilecção pelos gregos, nomeadamente pelos atenienses e délios³⁴.

Perto do Reno, talvez já na antiga Ligúria do Báltico, encontravam-se nomes gregos e mesmo inscrições gregas³⁵. Estamos ao pé do Eridano dos antigos. Heródoto acreditava pouco neste Eridano por uma razão que convém registar: é que este nome era grego³⁶. Por este caminho o pai da história deveria duvidar da existência dos lígures do país do âmbar, pois que o nome de Cycnus, rei dos lígures, e principalmente o de seu pai Sthenelus, são genuinamente gregos. Timeu era menos incrédulo. Esse não punha contras às tradições gregas e nomes gregos pelo noroeste da Europa, e atribuía-as, como outros, à influência dos argonautas que de Euxino haviam descoberto uma passagem para o mar do norte³⁷. Segundo as tradições da Gália, parte da população deste país descendia de

³¹ Plin., IV. 34.

³² Aristóteles, *Meteorol.*, 1, 14. Comp. *Marmora Parium*, 6; d Arb. Jubainville, ob. Cit., pág. 247. Bem que Plínio faça distinção entre helenes e cileni, é muito possível que se trate dum mesmo povo e que a forma rigorosa do nome seja Seleni.

³³ Plutarco, *De Fac. Lunæ*.

³⁴ Hecatei Abderitæ fragm. 2, ed. Didot.

³⁵ Tácito, *De More Germanorum*, III.

³⁶ Timæi fragm. 6, ed. Didot.

³⁷ Heródoto, III, 115.

colónias dórias e de colónias troianas³⁸.

Tudo isto é mera fantasia dos escritores antigos?

Com estes gregos, perdidos em tão remotas paragens, é impossível deixar de confrontar as tradições sobre os célebres hiperbóreos.

A este povo, que já para certos antigos passava por imaginário, e que alguns modernos reduzem a um puro mito³⁹, não duvidam os srs. Al. Bertrand e Arb. de Jubainville reconhecer uma realidade histórica – o que parece incontestável — mas vendo nele o povo dos celtas — o que se nos afigura inadmissível⁴⁰.

As minuciosidades, com que Heródoto nos fala das relações que os hiperbóreos mantinham com as religiões centrais da Grécia; do itinerário que seguiam as suas oferendas sagradas; dos nomes dos seus enviados (nomes, diga-se de passagem, de fisionomia grega), tem tão pouco de mítico e tanto de positivo e de histórico, que a incredulidade não encontra muito a que apegar-se, a não ser a razões meramente banais; e a confissão de Heródoto, que aliás se mostra já um pouco céptico sobre a existência de tal povo, parece-nos preciosa quando afirma que a crença nos hiperbóreos era ainda viva no tempo de Homero⁴¹.

A obliteração progressiva destas tradições entre os gregos aparece-nos na razão directa das dificuldades, que os hiperbóreos encontram dia a dia na lha remessa dos seus donativos religiosos — dificuldades, que por fim os obrigam a sustentar inteiramente a sua devoção, e tudo isto traz ao espírito a degeneração dos antigos gregos ocidentais, notada pelos observadores mais modernos, e que melhor se explicaria pelo estacionamento dos costumes arcaicos, contrapostos aos dos gregos propriamente ditos, cuja civilização devida a causas

³⁸ Am. Marcellino, XV, 9.

³⁹ Preller, *Griechische Mythologie*, II, pag. 196.

⁴⁰ Al. Bertrand, ob. cit., pág. 261. D Arb. de Jubainville, ob. cit., pág. 147. Considerando os hiperbóreos povos pré-celtas, Belloguet, ob. cit., pág. 238.

⁴¹ Herodoto, IV, 32 e seguintes.

complexas foi atingindo o requinte que sabemos.

A legenda dos hiperbóreos não envolve a memória de tribos arianas da mesma origem dos trácios, selloi, graici, etc., que se vão afastando de seus irmãos, e cujas relações se dificultam e quebram gradualmente e ao passo que a sua peregrinação mais as distancia de outras tribos, que escusaram de passar e do sudeste da Europa para achar um a nova pátria?

É o que se nos figura muito provável; e neste caso o nome de hiperbóreos diz-nos o caminho que eles tornaram, o norte; e entre a posição que lhes assina Heródoto, ou Hecateu Abderita, não há muito que hesitar cremos nós. Segundo

Heródoto, os hiperbóreos ficavam no alto norte, mas muito a nascente do meridiano do golfo Adriático, visto que o caminho que seguiam as suas oferendas a Apolo Délio, para chegar a este golfo, atravessava a Scythia inclinando o mais que podia ao poente, para depois tomar a direcção oposta, de poente a nascente, por Dodona, Eubcea e Tenos.

Esta marcha é estranha, mas ainda mais estranha é a declaração de Heródoto de que os Scythas não sabiam uma palavra destes hiperbóreos que atravessavam o seu país, e que por fim haviam conseguido que os próprios Scythas, fossem portadores das suas dádivas até às fronteiras do seu país, entregando-as em seguida aos povos limítrofes, e assim por diante.

Pela versão de Hecateu, os hiperbóreos ocupavam o noroeste da Europa, compreendendo as ilhas britânicas; O caminho destes emigrantes tinha então sido o do Reno, e o itinerário seguido pelos devotos de Apolo, desde o país dos hiperbóreos até o golfo Adriático, e daqui até Delos, vinha a atravessar uma extensa zona, mas precisamente a zona que vemos ocupada pelos velhos povos indo-europeus, anteriores aos celtas⁴².

A condescendência e devoção, com que todas estas

⁴² Uma tradição, cujo valor não discutiremos, admitia um íntimo parentesco entre os Venetos da Armórica e os do Adriático, Estrab., IV, 4. As razões por que em certa época os escritores gregos translocam o Eridano (Reno) para o Pó, talvez tivessem um fundamento, que nos escapa, e que atenuasse a enormidade do disparate.



populações, estreitamente aparentadas, se prestam a receber e a transmitir aos seus vizinhos os presentes para Apolo, deus que elas devem conhecer, senão adorar, perde assim a estranheza que não deixa de suscitar a narração de Heródoto, atribuindo esta tocante piedade a povos bárbaros, de costumes e religiões diferentes.

E que no tempo de Homero povos de origem ariana habitassem já o noroeste da Europa é o que não sofre a menor dúvida, como resultará do que vai ler-se. Admitir porém que tais povos, hiperbóreos, ou outros, fossem celtas torna-se impossível, pois que mesmo Hesíodo apenas conhece lígures nestas regiões, e só muito mais tarde é que os celtas entraram na cena da, história.

É a civilização dos hiperbóreos que a arqueologia surpreende no noroeste poente da Europa?

Ainda que esta questão não possa ter uma solução definitiva, é certo que a civilização, cuja existência os arqueólogos nos revelam nestas regiões com os seus monumentos megalíticos, a importação da agricultura, e melhoramentos correlativos, e que se substitui imediatamente à civilização do homem das cavernas, é de origem árica. Prova-o o seu conhecimento dos processos agrícolas e o carácter simbólico das gravuras dos seus monumentos.

Mesmo que concedêssemos que a chegada ao norte deste famoso povo dos dólmenes era anterior à dos hiperbóreos da tradição grega, uns e outros pertenciam indubitavelmente à grande massa de emigrantes indo-europeus, que por causas desconhecidas atravessaram da Ásia para a Eúropa, e de que os trácios -na opinião de alguns seriam a guarda avançada⁴³, e entre ambos devia haver um fundo comum de crenças, costumes e língua.

Do mesmo modo, embora os hiperbóreos não fossem os primeiros ocupantes arianos do noroeste da Europa, mas seguissem um caminho já trilhado por outros povos irmãos, a sua legenda aponta quase ao dedo esta velha estrada do Reno⁴⁴, como a distribuição

⁴³ D Arb. de Jubainville, ob. cit., págs. 274 e seguintes.

⁴⁴ As tradições da Irlanda — diz o sr. H. Martin, *Revue d' Anthropologie*, vol. II, pág. 199 — fazem vir os seus habitantes da Trácia, Grécia e Ásia Menor. Segundo as

geográfica dos dólmenes mostra de que modo quer uns, quer outros, se estenderam desde o norte até o extremo sul da Europa.

Com efeito, por vias independentes de qualquer testemunho histórico, a arqueologia tem demonstrado que o povo dos dólmenes vem do Oriente, aparece nas margens do Báltico, vai descendo pela costa ocidental da Gália, ocupando as ilhas fronteiras, Inglaterra e Irlanda, e continua a desenvolver-se pelo litoral do norte da Espanha, pelo litoral do poente, pelo litoral do sul até os confins da actual Andaluzia, onde pára⁴⁵; e não deixa, de ser notável a coincidência de que precisamente nesta zona é que nós encontramos a cadeia de nomes gregos e de tradições gregas⁴⁶.

tradições câmblicas, Hu-Gadarn e o seu povo partiriam do país Haf, — onde hoje é Constantinopla, acrescenta uma glosa.

⁴⁵ Vid Fergusson, *Rude Stone Monuments*, carta ao fim do volume; Felipe Simões, *Introd. à Arqueologia da península ibérica*, págs. 98 e seguintes. O limite dos dólmenes no litoral do sul fica no território dos tartéssios (*Avieno, Ora marítima, V, 463—4*), de que os massienos, ou mastienos, segundo Outros, eram um ramo.

Para seguir a marcha do célebre povo dos dólmenes é preciso atravessar o Mediterrâneo e percorrer o norte da África até Constantina. Estes monumentos pertencem a alguns dos povos, coligados contra os egípcios (Vid. Chabas, *Études de l'antiquité historique*, págs. 173 e seguintes), entre os quais figuram os Mashaoushas, os Maxyes de Heródoto, povo agricultor? É a opinião do sr. Henri Martin (*Études d'archéologie celtique*, págs. 255 e seguintes) — opinião que nos parece tão aceitável, como inaceitável a origem céltica, que ele atribui a estas populações. E no entanto Adolfo Pictet encontrava nomes célticos de rios na África (*Revue celtique, II, págs. 437 e seguintes*; mas vid. também III, págs. 168 e seguintes), e Diefenbach conta-nos que uma dama de Gales encontrou num bazar em Argel gente do interior da África, cuja língua ela compreendeu com o auxílio do câmblico (*Celtica, II, 2.ª parte, pág. 126*). Pictet intitula o seu escrito "Um enigma". É um enigma idêntico que nós estudamos neste trabalho. Por agora poremos só a questão se os massienos da Espanha serão estranhos aos Maxyes de Heródoto, aos mashaoushas das inscrições egípcias.

⁴⁶ Já as seguimos do Báltico até à Lusitânia. Continuando esta investigação até o limite dos tartéssios, e pondo de parte a fundação de Ulisippo por Ulysses, encontramos-las no Porto de Menestheu: Menestheu seria um rei grego (*Estrab., III, II, 13*), ao qual os gaditanos sacrificavam (*Philostr., Vita Apoll., V, IV*); — em Gades: os gaditanos eram

Assim, que em épocas muito remotas, posteriores todavia à ocupação do sudeste da Europa pelos trácios, uma grande massa de povos arianos faz a sua aparição no norte e daí se estende até o sul da Europa, ocupando de preferência os litorais, é um facto fora de toda a discussão. Que esta marcha seja aberta por tribos anteriores aos hiperbóreos, ou as inclua já, é o que ninguém poderá afirmar, ou negar com consciência, mas o que não afecta essencialmente o problema étnico, pois que a origem dumas e doutras deve ser a mesma; que sob o nome de hiperbóreos se compreendam povos da mesma família dos selloi, graici, etc., e que estes povos seguissem o caminho, indicado ainda hoje pelos marcos miliários dos dólmenes, é o que pode causar tão pouca surpresa, como a marcha de quaisquer outros emigrantes que fizeram esta longa peregrinação, partindo do mesmo ponto, e o que o rasto das tradições gregas deixaria entrever.

*

Sobre este mundo misterioso, que as ciências arqueológicas forcejam ressuscitar, poderiam lançar uma viva luz os documentos fenícios.

E sem dúvida alguma com estas mesmas populações pré-

de origem grega; segundo Philostrato (ibidem); — em Moenaca: pelo aspecto das suas ruínas reconhecia-se nela uma cidade grega (Estrab, III, IV, 2); — em Abdera, onde se viam monumentos dos errores de Ulysses (Id., id, IV, 3).

Do rio que corria nas raias dos tartéssios diz Avieno, que copiava autores duma grande antiguidade:

*Theodorus illic (nec stupori sit tibi,
Quod in feroci barbaroque sat loco
Cognomen hujus Græciæ accipis sono)
Prorepat amnis.*

Ora marítima, V, 457.60

Não será escusado advertir que estas tradições remontam a tempos pré-históricos, e estão completamente separadas da história dos marseheses e das suas colónias na Espanha do nascente.

célticas, e dominantes na vasta zona dos dólmenes, que do século XII em diante começam a lidar os lírios no seu comércio com o país do estanho e do âmbar. Infelizmente este novo é o menos comunicativo da terra, e a sua reserva parece obedecer além disso a um cálculo de mercador, que lucra em envolver no maior mistério a fonte de riquezas incalculáveis que quer monopolizar⁴⁷.

Afora o documento do século VI, que um verdadeiro milagre nos salvou, as informações que sobre o Ocidente devemos aos fenícios, andam dispersas e desfiguradas pelos mitógrafos e outros escritores antigos, sendo ainda um *desideratum* o destrinço e a colecção destes materiais, feito com a crítica severa que eles estão exigindo.

Para alguns investigadores, por exemplo, Albion e Dercynus, filhos de Neptuno, Ligus e Bergion, adversários de Hércules, nada mais são que os insulares do mar do norte e outros povos do noroeste da Europa, que receberam pouco amigavelmente a primeira visita dos filhos de Melkart⁴⁸.

Esta interpretação parece de todo o ponto justificada pelo roteiro do século VI, que conhece ainda uns Albiones, uns Dranganes, e mais que um povo ligúrico nas regiões, onde o teatro daquelas cenas melhor pode colocar-se⁴⁹.

O que porém é incontestável é que o nome colectivo dos povos ocidentais na antiga geografia era o de lígures, segundo se vê ainda dum fragmento de Hesíodo, que nos dá o norte ocupado pelos scythas, o sul pelos etíopes e o ocidente pelos lígures⁵⁰; e esta geografia não

⁴⁷ Poderiam citar-se provas numerosas. Um facto basta. Em tempos já relativamente recentes, um comerciante fenício, vendo que era seguido por um navio romano que pretendia conhecer este segredo, sacrificou num naufrágio premeditado o seu navio e tripulação, na certeza de que os seus perseguidores teriam a mesma sorte, como tiveram. Apenas se salvou o dono da embarcação fenícia, que foi indemnizado de todos os prejuízos pelos cofres públicos (Estrab., III, V, II).

⁴⁸ Arb. de Jubainville, ob. cit., pág. 308.

⁴⁹ Comp. Avienus, *Ora marítima*, V, 113; 130 e seguintes; 197-9.

⁵⁰ Hesiodi fragm., 132, ed. Didot.

pode deixar de ser fenícia, pois que no tempo de Hesíodo, e ainda séculos depois, os gregos apenas podiam saber de positivo sobre o Ocidente e os povos ocidentais aquilo que aos fenícios aprouvesse comunicar-lhes.

Eram pois os lígures que os fenícios consideravam como representantes da civilização do Ocidente; e os albiões e ccstrymnidos, que o documento do VI século nos nomeia na Inglaterra, os hibernos na Irlanda, os cempses, cynetes e tartéssios no poente e sudoeste da Espanha, não são certamente outra coisa mais que diferentes ramos desta grande colectividade de povos, que pela afinidade saliente dos seus costumes e raça tinham direito a uma denominação comum perante a teoria geográfica, mas que, como é de crer, se resolviam em étnicos mais ou menos especiais na nomenclatura dum observador, que os passava particularmente em revista.

Isto é tanto mais provável, que o roteiro conhece ainda dois povos com o nome especial de lígures, um no sul da Inglaterra, os célebres lígures do Báltico, fugidos aos celtas, outro no noroeste da Espanha, a norte dos cempses, e que, a nosso ver, são os lusitanos dos escritores subsequentes⁵¹.

Demais disso, o nome de lígur, e tradições que só podem referir-se a este povo, repetem-se no sudoeste da Espanha dum modo excepcional. Um promontório dos tartéssios tinha o nome de ligústico⁵². O Tartessus, Bætis, nascia dum lago ligústico⁵³, e ao pé dele havia uma cidade Ligystina, cujos habitantes se chamavam lígures⁵⁴. No século

⁵¹ Dirão os competentes se o nome de lígures, ou melhor liguses, segundo as demonstrações do sr. Jubainville (ob. cit., págs. 221-2), e o nome de Lusitani não é um e o mesmo. O sufixo *etani* é relativamente moderno, pois que nenhum escritor verdadeiramente antigo o conhece, e lusitani parece estar para liguses, como turdetani para tartessii. Seria necessário, é verdade, admitir a forma intermediária ligusitani, e a sua contracção em liusitani, lusitani, pela queda do g, e assimilação das vogais; mas a queda do g nas línguas chamadas neo-célticas é um facto tão vulgar, que a objecção fundada em tal argumento, não nos parece ponderosa.

⁵² Eratosthenes em Estrab. (II, I, 40; II, IV, 8).

⁵³ Avienus, *Ora marítima*, V, 285.

⁵⁴ Stephanus, *De Urbibus*. V. Ligystine.

VII um rei dos tartéssios tem o nome de Arganthónio⁵⁵, nome indubitavelmente ariano, e que o sr. Jubainville crê ligúrico⁵⁶. Um rei dos cynetes, Habis, é o introdutor da agricultura no sudoeste da Espanha⁵⁷, e este grande benefício não pode deixar de ser atribuído aos lígures, na opinião do sr. Jubainville.

A invasão ligúrica, segundo este sábio, ter-se-ia efectuado pouco antes da céltica, cerca do VI século, e na direcção do nascente a poente. Ambas as afirmativas nos parecem porém pouco sustentáveis. As tradições relativas a Habis, o importador da agricultura no sudoeste da península, o organizador político que distribuiu o seu povo por sete cidades⁵⁸, são dessas que pertencem ao primeiro ciclo da civilização dum povo e só podem criar raízes num mundo ainda bárbaro⁵⁹. Mal podem desligar-se delas as que aludem à guerra dos deuses e dos titãs no bosque dos tartéssios⁶⁰, e as pretensões dos tartéssios a uma literatura que remontaria a mais de seis mil anos⁶¹. Admitir que uma civilização, da qual Gargoris e Habis são os chefes históricos ou míticos, se celebrizasse no sudoeste da Espanha, recomendando-se, entre outras coisas, pela inovação da agricultura, isto no século VI, quer dizer, séculos depois que os tinos haviam explorado estas regiões, derramando aí a sua cultura, figura-se-nos uma causa sem defesa possível, e aqui as afirmativas de Thucydides, e doutros, vêm dar, cremos nós, a este grupo de factos uma verdadeira consistência e receba-la deles.,

Segundo Thucydides, os sicanos eram iberos, expulsos pelos lígures das margens do rio Sicanos na Ibéria⁶². A aparição dos lígures

⁵⁵ Heródoto, I, 163.

⁵⁶ Jubainville, ob. cit., pág. 244.

⁵⁷ Justino, XLIV, 4.

⁵⁸ Id. Ibid.

⁵⁹ Justino quase que faz esta observação, aproximando Habis dos fundadores de Roma.

⁶⁰ Id. Ibid.

⁶¹ Estrab., XII, X, 5.

⁶² Thucydides, VI, 2. O sr. Jubainville (ob. cit., págs. 20 e seguintes) pretende demonstrar que o Sicanos de Thucydides não é o Xucar da Espanha, mas o Sequana da Gália. Esta opinião, que Diefenbach já tinha por muito pouco provável (*Origines*

na Ibéria seria então anterior ao século XV⁶³, muito anterior à chegada dos tinos a Gades, e, reunindo os elementos dispersos que estas diversas fontes nos subministram, temos que antes do século XV aparece no sudoeste da Espanha um povo agricultor e portanto ariano, ligúrico, segundo as tradições da Sicília recolhidas por Thucydides, e segundo as observações dos fenícios, que pela superioridade da sua cultura e organização política, pela superioridade das suas armas, ou da sua tática de guerra, soube subjugar os iberos, que não tomaram a deliberação dos sicanos, e estabelecer nesta parte da Espanha uma dominação que deixou de si uma memória duradoura.

A nosso juízo, muitos factos da história antiga, tidos pôr dogmáticos, estão bem longe de reunir a seu favor tantas e tão veementes presunções, como este.

Com respeito à marcha destes invasores, pelas indicações de Thucydides, dir-se-ia que a pressão dos lígures sobre os iberos se faz na direcção oposta à que o sr. Jubainville admite, isto é, se faz do poente a nascente⁶⁴, e com estas indicações coincide a circunstância de

Europaæ, pág. 95), é inteiramente conjectural; e o que é certo é que o Sicanos da Espanha era conhecido de outros escritores antigos, anteriores a Thucydides, enquanto que, só chegando a tempos muito modernos, se ouve falar do Sequana, não havendo portanto mesmo certeza se ele, na época de que tratamos, tinha este nome, se outro muito diferente, como, por exemplo, no dizer de alguns, sucedeu ao Arar. O sr. Müllenhoff (ob. cit., pág. 165) quer que a notícia de Thucydides se funde numa passagem de Hecateu de Mileto, que nos foi conservada (*Hec. fragm.*, 14, ed. Didot); mas esta opinião não passa também duma conjectura. Conjectura por conjectura, mais fundada me parece a que alvitra que a passagem de Hecateu foi aproveitada por Avieno (*Ora maritima*, V, 480-1), visto que o poeta nos diz expressamente que aquele antigo autor foi um dos seus informadores (V. 43); e, porque a notícia de Thucydides contém uma particularidade notável, que Avieno não deixaria de utilizar, se a lesse em Hecateu, é para nós muito provável que Thucydides aurisse de outra fonte as suas informações.

⁶³ A ocupação da Sicília pelos sicanos é anterior à dos sículos (lígures). e a destes coloca-se no ano 1400, considerando-se esta data como o primeiro dado cronológico positivo da história do Ocidente.

⁶⁴ A crer um dos autores, seguido por Avieno, o rio que deu o nome aos iberos não foi

só se encontrarem memórias vivas de lígures e tradições ligúricas no sudoeste e poente da Espanha, encadeadas com as dos lígures de Albion e do Báltico.

É como se os lígures trouxessem a marcha do povo dos dólmenes.

E experimentem os mais sagazes se podem extremar um povo do outro.

Quanto à cronologia — o misterioso povo dos dólmenes é o primeiro representante da civilização ariana no Ocidente, e vai ocupando sucessivamente o litoral da Europa, desde o Báltico até os tartéssios⁶⁵.

Os lígures da geografia fenícia, considera dos pelos fenícios como representantes da civilização ocidental, cujos vestígios encontramos desde o Báltico até os tartéssios, já antes do século XV nos aparecem no sudoeste da Espanha.

Admitir a prioridade do povo dos dólmenes e uma segunda migração, a ligúrica, que reduzisse a primeira a uma posição secundária e subordinada, é impossível, porque, segundo as observações do sr. A. Bertrand, o exame dos monumentos daquela época demonstra evidentemente uma forte organização comunal, uma autonomia própria⁶⁶. E pior é, quando procurando nós os restos da

o Ebro conhecido, mas outro a poente do estreito (*Ora maritima*, V, 249—52). As dúvidas que tem suscitado o texto de Thucydides, Philisto, etc., vêm principalmente, segundo temos notado, da estranheza que naturalmente causa o fadário destes fugitivos da Espanha, que só na Sicília podem achar paragem. Mas nós nada sabemos das peripécias desta migração, e a crítica, porque o facto é obscuro e pouco verosímil, não têm mais direito a rejeitá-lo absolutamente, do que a outros que não o são menos, e passam sem oposição.

Pela nossa parte, forçados pela evidência a reconhecer a presença dum povo agricultor e construtor de dólmenes, portanto duas vezes não ibérico (no sentido restrito deste nome) dominando desde o extremo Ocidente precisamente até perto do Sicanos, os textos que *nos* ocupam, se não existissem, tinham de ser inventados, permita-se nos a exageração. A direcção que eles dão à fuga dos iberos, sem nos determos com as aventuras da sua peregrinação até à Sicília, é inevitável e torna impossível a corrente duma invasão pelo nascente.

⁶⁵ Os limites dos tartéssios eram cerca do rio Sicanos (*Avienus, Ora maritima*, V, 463 e seguintes).

⁶⁶ Al. Bertrand, *oh. cit.*, Preface, XII.

civilização desses famosos lígures do Ocidente, desses representantes da civilização do Ocidente, na opinião autorizada dos fenícios, que os conheciam de perto, encontramos apenas os restos da civilização do povo dos dólmenes, que parece terem tomado a precaução de estampilhar os seus monumentos e as suas cidades, para que lhas não confundissem com as de nenhuns outros povos⁶⁷.

Pela nossa parte, é-nos impossível lutar contra a evidência, que nos intima esta série de coincidências. Temos por mais que provável que as revelações da arqueologia e as notícias históricas de origem fenícia sobre os antigos lígures ocidentais, respeitam a um e o mesmo facto etnológico, a que não é também estranho o subsídio das tradições acerca dos hiperbóreos⁶⁸.

Que todas estas informações se refiram a um povo único, ninguém poderá demonstrá-lo. E antes muito provável que as populações áricas, que ocuparam o noroeste, e depois o poente da Europa, pertençam a migrações diferentes⁶⁹, seguindo o mesmo caminho, mas respeitando a maior parte das vezes o território já habitado por povos da sua raça, o que explica a sua rápida extensão ao longo dos litorais⁷⁰. Por povo dos dólmenes, ou por lígures, no sentido dos fenícios, não podemos entender senão uma multidão de tribos, mais ou menos extensas, com a sua autonomia própria, tais, pouco mais ou menos, como as vemos na Espanha, no tempo dos romanos, e como elas nos aparecem na Inglaterra, no tempo de Agrícola, e, embora o fundo étnico e moral, deva ser o mesmo, não se lhes pode exigir uma verdadeira unidade, que nem os gregos atingiram, apesar dos seus sonhos de pan-helenismo, nem os outros árias do sudeste.

O que porém interessa ao nosso intento é estabelecer que

⁶⁷ Referimo-nos aos círculos, espirais, etc., que se encontram gravados nos dólmenes e nas ruínas das nossas cidades mortas.

⁶⁸ Não tem faltado quem veja nos templos circulares dos hiperbóreos, mencionados por Hecateu de Abdera, os célebres monumentos de Stone-Henge e Abury (vid. Belloguet, ob. cit., pág. 58).

⁶⁹ É o que afirmam também as antigas tradições das ilhas britânicas.

⁷⁰ A preferência do litoral não é privativa destes misteriosos povos ocidentais, segundo se infere de Thucydides, 1, 7.

muito antes da aparição dos celtas no Ocidente, toda a região onde vemos estender-se os dólmenes, estava ocupada e dominada por uma cadeia de povos de origem árica, lígures, selloi, graici, etc. — importa agora pouco o nome — que tinham enraizado nela uma civilização sua, enchendo-a de monumentos e de tradições, e conseqüentemente de nomes étnicos e locais.

A solidez deste facto parece-nos inabalável.

Inquirindo agora da língua, que estes povos deviam falar, poderia, afirmar-se *a priori* que ela pertencia, repetimos, ao grupo greco-italo-céltico de Schleicher⁷¹; e, se realmente o elemento predominante era o ligúrico, o que pensam da língua dos lígures alguns sábios abre a toponímia céltica da Lusitânia uma solução nova, que não deixa de pôr em perigo o celtismo das línguas ibéricas e britânicas.

*

Diefenbach admitia já que os lígures eram um dos mais antigos povos da Europa, e nomeadamente da Espanha, duvidando mesmo se precederam os Iberos, e suspeitava também que a sua língua tinha algum parentesco com o céltico⁷². Celesia atacou desassombradamente a questão. Para ele os latinos, quanto à origem, e língua, eram um ramo de lígures⁷³.

O sr. Arbois de Jubainville sustenta que os lígures eram um povo ariano, e a sua língua tão estreitamente aparentada com a dos celtas, que por exemplo, nos nomes de cidades é quase impossível distinguir se o nome pertence a uma, se a outra língua⁷⁴.

⁷¹ *Compendium der Vergleichenden grammatik*, pág. 9. O sr. Jubainville admite um grupo anterior, Thraco-Ilyro-Ligur. Mo estamos no caso de entrar nestas melindrosas questões.

⁷² *Celtica*, II, págs. 24-41.

⁷³ Em. Celesia, *Dell'antichissimo idioma de Liguri*.

⁷⁴ Jubainville, ob. cit., págs. 223 e seguintes. Na opinião deste sábio, a terminação em *briga*, tão vulgar na Espanha, não é necessariamente céltica. É o que pensava já G. Humboldt (*Recherches sur les habitants primitifs de l'Espagne*, pág. 126), bem que por meio dela pretendesse fazer o deslinço das populações célticas e ibéricas da Península.



Os nomes, infelizmente pouco numerosos, conservados pelo roteiro fenício, que, segundo vimos, se ocupa de povos pré-celtas e livres de toda a influência céltica, são por isso dignos duma atenção especial, para deixarmos de os reproduzir:

Albiones.
Oestrymnidos.
Hibernos.
Dranganes.
Cempses.
Cynetes.
Tartéssios.
Ilha Pelagia.
Ilha Achale.
Ilha Agonida.
Rio Ana⁷⁵.

Estes nomes, alguns dos quais um celtista daria como célticos sem a menor hesitação⁷⁶, não o são com toda a certeza, e daqui se evidencia que a toponímia duma região, não obstante as mais estreitas afinidades com o céltico, pode ser absolutamente estranha à influência dos celtas, tornando-se indispensável, para resolver a dúvida, procurar luz noutra ordem de investigações e fora do terreno da linguística.

Pelo que respeita à Lusitânia, se todas as investigações, a que é possível recorrer nestas matérias, nos demonstram que a Lusitânia

⁷⁵ Limitamo-nos a estes nomes, por eles pertencerem com certeza ao autor do roteiro, o que talvez não suceda do Ana por diante, onde é provável haver já mistura de notícias, tiradas de fontes diversas.

⁷⁶ Segundo o sr. Müllenhoff (ob. cit., pág. 96) o nome de Albiones é céltico; mas Albion Dercynus (Dranganes, Jubainville, ob. cit., pág. 308) são j adversários de Melkart, í. e. são mencionados séculos antes da chegada dos celtas à Inglaterra. Albion pode ser ligúrico (Jubainville, ob. cit., pág. 228). Do mesmo modo o nome de Hiberni é céltico para o sr. Mallenhoff (ibid.); mas pode ser pré-céltico: o sr. W. Stockes (*Revue celtique, II*, pág. 357) deriva-o do sânscrito *avara* = ocidental. O sr. Saulcy (*Étude topographique sur l'Ora maritima*, pág. 8) vê no nome Cyneticum (littus) um nome grego. Por identidade das razões apresentadas por este sábio, o nome de cynetes e cyneticum jugum estaria no mesmo caso; mas o chamado neo-céltico tem *cwn*, que explicaria tão bem o facto, como o nome grego. Ana é um nome céltico (A. Pictet, *Revue celtique, II*, pág. 443). Etc.

ficou alheia à invasão e ocupação céltica; que entre os usos e costumes dos seus habitantes e os dos celtas nenhum escritor registra a menor analogia, mas antes com outros povos de carácter e índole muito diferente dos celtas; que nas relíquias da civilização dos seus povos se acusa o carácter da do povo dos dólmenes, que persistiu até épocas relativamente modernas⁷⁷; se tudo isto é indubitável, a opinião que sustente a celticidade dos lusitanos não sabemos onde possa encontrar uma base científica.

Ainda uma vez, para nós os lusitanos, como os albiões, cestrymnidos, hibernos, cempses, cynetes e tartéssios⁷⁸, são ramos da velha migração ariana, cuja afinidade de costumes e língua com os lígures, selloi, graici, etc., não pode ser seriamente contestada, nem em face das afirmativas dos escritores antigos, nem das razões que se nos impõem por diferentes vias; e os subsídios literários e arqueológicos, que temos passado em revista, consideramo-los como fragmentos dum mesmo livro que nos ajudam, como é possível, a estudar este antigo mundo pré-céltico.

As lendas gregas, cotejadas com as das ilhas, britânicas, dizem-nos que caminho trouxeram estes emigrantes do sudeste para o noroeste da Europa; a arqueologia demonstra-nos como eles se estenderam até ao sudoeste da Espanha, onde a história recolheu algumas das suas curiosas tradições⁷⁹.

Quanto ao modo por que esta difusão se operou, a história é

⁷⁷ As explorações que fizemos em alguns dólmenes do vale do Ancora, onde, além dum dólmen perfeito, há ainda vestígios de mais quatro, demonstram que estes monumentos continuaram em uso até depois da conquista romana. Por outro lado, as povoações muradas, que serviam de abrigo à população deste vale, são de origem pré-romana, como se prova pela semelhança das suas construções e das de Sabroso. Em Sabroso encontram-se as mesmas gravuras, que nos aparecem nos dólmenes do norte da Europa, e, visto o carácter das ruínas que temos examinado no Minho, e que não são poucas, a sua população não podia deixar de ter os mesmos usos e costumes que as do vale do Ave e do Âncora.

⁷⁸ Só nos ocupamos, como se vê dos povos do litoral do poente e sudoeste da Espanha, sem negarmos que Outras tribos "ligúricas" se derramassem pelo interior da Península, nem que muitas delas fraternizassem com as populações pré-existentes

⁷⁹ Relativas a Habis, etc. Num promontório dos cynetes parece ter havido alguns monumentos megalíticos (Estrab., III, I, 4).

talvez menos muda do que se crê. Os antiquários pelas suas próprias observações suspeitavam que a preferência do povo dos dólmenes pelo litoral, e a ocupação das terras sertanejas, subindo o curso dos rios, deixava subentender um conhecimento tal qual da navegação.

Ora o roteiro do VI século, a que por vezes temos aludido, chama-nos a atenção para a audácia com que os insulares de Albion, os *œstrymnidos*, afrontavam o mar nas suas barcas de couro⁸⁰, barcas usadas também pelos lusitanos na navegação dos seus rios⁸¹. E, pois que estas embarcações *sui generis* nada deviam à imitação dos fenícios, todas as probabilidades são que a invenção delas é anterior à chegada daqueles afamados mareantes⁸², e que é nelas e com elas que foi rasgada, em navegações de curto fôlego, a estrada marítima, que depois se tornou tão célebre e tão frequentada pelos comerciantes fenícios.

Em épocas muito remotas, antes da redacção do roteiro, sem poder, é verdade, remontar-se a um período ante-fenício, estes mesmos *œstrymnidos* transportam-se do norte da Espanha para o sul da Inglaterra⁸³; e isto, se não prova que este velho povo estivesse familiarizado com o Atlântico, antes dos tyrios, prova que depressa se familiarizou, e que não eram pequenas as suas disposições para a vida marítima⁸⁴.

O mesmo sucedia com os tartéssios, que emparelhavam no arrojo com os fenícios, fazendo, como eles, a navegação entre

⁸⁰ Avienus, *Ora niarilima*, V, 102-8.

⁸¹ Estrab., III, III, 7.

⁸² No tempo de César os venetos da Armórica tinham uma marinha notável, e também *sui generis* (Ces. De Bell. Gal., III, 13, 8).

⁸³ Avienus, *Ora maritima*, V, 55-8.

⁸⁴ Acrescentemos que, se Albion, adversário de Melkart, representa os insulares da Inglaterra, como parece certo, estes povos já antes dos tyrios conheciam transportes marítimos tais quais, quando atravessaram do continente para a ilha. Mas há um facto mais digno de atenção. A confusa legenda de Hércules relativa às Hespérides, do país dos hiperbóreos, sem dúvida as ilhas britânicas, apresenta um ponto claro, é: que o deus precisa de pedir informações sobre a posição das Hespérides—o que significa que o conhecimento das Cassitérides, e portanto o caminho marítimo que para lá levava, foi revelado aos fenícios por gente que o conhecia já. É quase nomear os tartéssios.

Tartesso e as ilhas britânicas⁸⁵.

E o que é incontestável, e convém notar por outros motivos, é que desde tempos remotíssimos o litoral, ao longo do qual se fixou o povo dos dólmenes, teve suas estações comerciais, visitadas por mercadores tartéssios e fenícios⁸⁶, que se cruzavam nesta estrada marítima das velhas migrações, favorecendo a cultura, facilitando as comunicações⁸⁷, e livrando, pelo menos as povoações da beira-mar, da barbárie em que o seu isolamento as poderia fazer recair.

Se as considerações que ficam feitas não são infundadas, os lusitanos, ao contrário do que geralmente se pensa, têm, graças a sua posição geográfica, uma das mais puras árvores genealógicas dos povos antigos.

Formado por um grupo de tribos, pertencentes à migração àrica que primeiro penetrou na Europa, completamente livre do contacto dos celtas, que vieram lançar sobre a etnografia do Ocidente uma confusão deplorável, este povo manteve-se no noroeste da Espanha com a sua velha língua, os seus velhos costumes, a sua velha civilização enfim, até à conquista romana⁸⁸.

⁸⁵ Avienus, *Ora maritima*, V, l 14-15.

⁸⁶ Estas estações eram, conforme tentámos demonstrá-lo no estudo do poema de Avieno, de que atrás falámos: baía de Lagos, baía do Sado, baía do Tejo, Aveiro, Lima, baía de Aroza (Padron), Corunha, donde a navegação para o sul da Inglaterra se fazia directamente.

⁸⁷ São conhecidas as íntimas relações que no tempo de César havia entre os bretões insulares e do continente. A fuga dos lígures do Báltico para o sul da Inglaterra, nas vizinhanças dos albiões, deixa pressupor relações idênticas. As comunicações entre as britânicas e a Lusitânia são comprovadas pela identidade de nomes étnicos e locais, que seria fastidioso comparar aqui. Não podemos porém deixar de notar que Plínio (H. N., IV, 34) nos fala duns Albiones no noroeste da Península.

⁸⁸ Íamos dizer — até muito depois da conquista romana. O confronto da Citânia e Sabroso deixa esperar que a velha civilização pré-romana possa ser reconstruída até certo ponto, e desde que os estudos e explorações arqueológicas se ocuparem seriamente deste problema. Tudo leva a acreditar que Sabroso acabou, antes de se fazer sentir nesta estação a influência romana. A Citânia sofreu esta influência, pelo menos até Constantino, como se infere duma moeda lá encontrada ultimamente. E não obstante, pondo de lado alguns objectos de indústria romana e algumas

As diferentes revoluções, por que passou a Lusitânia, não alteraram em nada o carácter das suas populações.

Aqui está o que nós podemos entrever destas revoluções.

No século VI, os lusitanos, que, já o dissemos, são para nós os lígures do documento fenício, ocupam o noroeste da Espanha, tendo a sul os cempses, que se estendem até à baía do Sado⁸⁹.

As mais antigas notícias de Estrabão dão-no-los já ocupando uma área muito mais extensa. Os limites da Lusitânia antiga, antiga já para Estrabão, eram: —ao sul o Tejo, ao poente e norte o oceano, ao nascente os carpetanos, vetões, vacceus, galegos e outros povos inominados⁹⁰.

Assim, em épocas posteriores ao século VI, os lígures do noroeste têm-se apoderado do país dos cempses, quer conglobando-os, quer rechaçando-os para nascente.

Se a ocupação do território dos cempses é devida a uma superabundância de população lusitana, se à acessão de novas tribos ligúricas que vieram doutra parte, é uma questão que provavelmente nunca se resolverá. É porém muito verosímil que este facto coincida com a invasão céltica nas ilhas britânicas. Este nome de britânicas, ignorado pelo roteiro fenício, mas conhecido por Pytheas e vulgarizado por ele, supõe-se ser uma inovação de procedência céltica⁹¹; e, visto que o roteiro não só desconhece este nome, como desconhece celtas na Inglaterra, na Irlanda, e ainda no ocidente da Gália, a aparição deste povo em tais países não pode deixar de lhe ser posterior, devendo colocar-se entre a viagem do autor fenício e a viagem do marselhês.

Segundo é de crer, a invasão céltica anunciou-se na

inscrições, dir-se-ia que as duas estações são contemporâneas: a mesma arquitectura, o mesmo estilo ornamental, as mesmas gravuras e sinais simbólicos, etc. É quase certo que a exploração de todas as outras ruínas que temos visto daria resultados idênticos. Donde se conclui que a civilização romana, ou não quis, ou não pôde quebrar a rotina da civilização anterior, e que, se a Lusitânia é etnologicamente um terreno privilegiado, arqueologicamente não o é menos, principalmente no norte.

⁸⁹ Avienus, *Ora maritima*, V, 201-2.

⁹⁰ Estrab., III, III, 3.

⁹¹ Jubainville, ob. cit., pág. 31.

Inglaterra, como nas outras partes, com o seu cortejo de guerras e destruições, promovendo a deslocação e emigração dalguns povos, sendo de presumir que alguns desses emigrantes procurassem um refúgio na Espanha, seguindo a estrada marítima, tão frequentada nesses tempos. Nada de impossível que muitos descendentes daqueles mesmos lígures, que os primeiros celtas afugentaram do Báltico para a ilha dos Albiões, e que por tradição estavam bem ao facto das crueldades desta gente, fossem os primeiros a abandonar a sua segunda pátria, vindo assim os velhos filhos de Cycnus a acabar na Lusitânia; onde os esperava mais tarde a servidão inevitável dos romanos.

Antes da conquista romana a etnografia da Lusitânia sofreu uma outra modificação.

Os callaici, que vimos há pouco vizinhar com os lusitanos do norte, apoderaram-se dum vasto tracto de terra entre o Douro e o mar cantábrico⁹².

Não é fácil saber-se se esta ocupação foi pacífica, se violenta, nem a época em que se fez. Que ela estava efectuada antes da incursão de Bruto no Entre-Douro-e-Minho, é indubitável, pois que de Bruto se diz que triunfou dos Lusitanos e dos galegos, .e o Douro era já então o limite dos dois povos.

Uma vista de olhos aos sucessos que antes deste tempo se deram na Espanha, explica-nos talvez esta nova deslocação etnográfica.

Os romanos, que chegaram à Península como humildes suplicantes, mal conseguem expulsar dela os cartagineses, declaram-na propriedade sua, e empregam todos os esforços para aniquilar a resistência que os povos ibéricos opunham à sua dominação.

A conquista vai progredindo lentamente pelo sul e pelo nascente, e, como no tempo dos árabes, o noroeste da Espanha torna-se o último reduto dos seus defensores.

O movimento dos galegos sobre os lusitanos do noroeste pode

⁹² Comp. Estrab., III, IV, 20.



casadesarmiento

centro de estudos do património

muito bem ter por causa a pressão dos povos da faixa do norte que vão recuando diante dos inexoráveis conquistadores.

Mas, seja como for, nem a migração ligúrica das ilhas para a Espanha, nem a mistura de galegos e lusitanos, altera em nada a etnologia da Lusitânia antiga, pois que lusitanos, galegos, astures, cantabros são povos da mesma raça, com os mesmos usos e costumes: Estrabão é expresso⁹³.

⁹³ Estrab., III, III, 6, 7. Possuímos uma das célebres “estátuas calaicas”, encontrada perto do monte de Santo Ovídio (Fafe), onde são muito visíveis os vestígios duma antiga povoação murada. A armadura desta estátua é precisamente a que Estrabão atribui aos lusitanos: “aspide uti parva, cujus diameter duum pedum, cava foras, ... ad hæc sica” (Ib.). Comp. o que diz o sr. H. Martin (*Revue d’ Anthropologie*, número já cit., pág. 198) acerca da armadura dos Fir-Bolgs das britânicas, que ele supõe lígures, e do escudo longo e a grande espada dos gauleses.